

Seu Milton

1

Entrevista com Milton

Entrevistadora: Fátima

Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2004.



Lado A

(FÁTIMA) – Dia 13 de Outubro, entrevista com o seu Milton, no dia 13 de Outubro de 2004. Boa tarde, seu Milton. A gente gostaria, inicialmente, que o senhor falasse da sua ligação com Mesquita. Se nasceu aqui ou veio de algum outro lugar. Se tiver vindo de outro lugar a gente queria que o senhor explicasse os motivos dessa mudança, como é que o senhor chegou até aqui, e a escolha por Mesquita, né. Quando isso aconteceu e como é que era Mesquita nessa época da sua infância, né, de quando o senhor tinha 18, 19 anos, quer dizer, um pouco desse início.

(MILTON) – Bom, eu cheguei aqui em Mesquita numa situação horrível. Eu sou praticamente original, eu cheguei aqui com doze, cheguei aqui com doze anos, tá, em Mesquita, mas não sempre fiquei em Mesquita, porque eu era militar, então, trabalhava fora. Casei com uma pessoa de Mesquita. Agora, eu morava no Rio, tá, mas eu me envolvi com o movimento de 64, tá, eu fui até preso, levei tiro, esse troço todo, que a já tem uma historia mais ou menos, e eu tive que me homiziar por aqui, fugir pra cá. Mas eu já tinha meu sogro que morava aqui, e eu vim pra cá, eu e a esposa. Mas quando eu entrei na luta da emancipação, na luta das associações, foi em 82, quando me reformo, tá, que eu vou para a reserva, então, eu começo a entrar na luta da emancipação, mas, empurrado mais pela Igreja, pelo movimento da igreja, porque a emancipação, ela tinha o seu foco mais atuante dentro das igrejas tá, principalmente a Igreja católica, né, é a que mais **deu força**, mas eu cheguei exatamente, aqui exatamente, agora, eu não sou daqui.

(FÁTIMA) – E de que parte do Rio que o senhor era, de que lugar?

(MILTON) – Eu era do Rio de Janeiro. Eu fui nascido e criado no Rio de Janeiro. Eu nasci na Gamboa, ali que eu fui criado. Eu fui criado ali.

(FÁTIMA) – O senhor não quer contar um pouquinho dessa sua atuação em 64, dos movimentos?

(MILTON) – Em 64, eu era, naquela época, terceiro sargento. E nós tínhamos um candidato, que era o Garcia, que se candidatou pela primeira vez. E nós, então, como sargentos, começamos nos mobilizar. E eu trabalhava com ele, porque eu fazia parte da Casa dos Sargentos do Brasil, tá, uma casa que era perseguida, naquela época, pela revolução, inclusive foi fechada, esse troço todo. E comecei a trabalhar naquela luta dos sargentos, movimento dos sargentos, eu fiz parte daquele movimento tá. Trabalhei muito... Era até contraditório porque eu militar, e não tinha medo...

(FÁTIMA) – É verdade...

(MILTON) – Ia para as reuniões dos sindicatos, reuniões dos bancários, nós fizemos uma vez até um teatro contra aquela história que a família que “reza unida da permanece unida”, e nós fizemos um plágio: “a família que tem comida permanece unida”. Fizemos um trabalho dentro, inclusive, quem colaborou até nas coisas, o falecido – agora, ia me lembrar o nome dele, um artista famoso, que já morreu há algum tempo... E ele participou...

(FÁTIMA) – Taiguara?

(MILTON) – Não, não... Já de idade, ele morreu com bastante idade, ele era artista de televisão, inclusive, trabalhou com a gente. Agora não vou me lembrar o nome. Mas, nós trabalhamos esse coisa, na luta de associação, a luta política, a luta política, a luta política minha no Rio foi muito grande, comprometedora, esse troço todo. Tive preso, tá, levei tiro na época dos estudantes, que eu tava fazendo um trabalho com os estudantes lá no Rio, fui baleado esse troço todo, mas eu consegui me safar de tudo. Não fui, não cheguei a ser taxado não. Tanto assim que continuei no exército, até o final. Eu saí do

exército já como segundo tenente, não fiquei como primeiro tenente porque já tinha receio de continuar, e eu entrando como oficial as coisas podiam se aprofundar mais, e buscarem algumas informações, e eu por ter ser envolvido, então, eu saí. Terminado isso eu vim para Mesquita, você quer a partir de Mesquita?

(FÁTIMA) – Quero...

(MILTON) – Bom, Mesquita, eu vim pra cá pra Mesquita, exatamente por essa situação. Eu morava na Rua Jorge Rudge, e um amigo meu, que era do SNI, que trabalhava dentro do SNI, mas eu era espírita e trabalhava com ele, ele disse “Milton, o negócio é o seguinte: você pega a dona **Vilma** – que era a minha senhora –, leva pra Mesquita, pra casa dos pais, e você fica aqui fardado que você vai ser preso, aqui na Jorge Rudge, tá. Eles vão te pegar aqui, mas você fica fardado, tá entendendo? Uma estratégia: fica fardado. Não fica a paisano não. Fica fardado, tá”. E eu fiquei fardado. Eles me prenderam na Jorge Rudge, foram lá, o pessoal não me conhecia não sabia que eu era militar, porque eu nunca me demonstrava para ninguém, eu tinha a minha vida toda secreta. Fui preso, tá. Fui preso, coisa, tentaram fazer baianada comigo, me deixaram para fugir do carro, eu não fugi porque eu estava instruído, porque o cara falou para mim, “olha, não faça nada, eles vão te dar força para você fugir do carro, mas você não faz isso não. Deixa eles te prender. E o dia que você for preso, lá dentro da prisão, você não fala nada. Vão dizer que é amigo seu, que tá junto, coisa, você não diz nada, tá? Você não fala nada, porque tudo é armadilha”. E ficou aquele negocio todo. Quando, depois disso eu me afastei um pouco da luta porque eu fiquei com receio, até porque tinha família, né? Aí eu, me apaguei tudo isso... Vim começar a trabalhar também pelo povo na luta da associação dos moradores. Eu vim aqui, em 82, eu fui aposentado, encontrei o Regener, tá, e começamos a montar a associação dos moradores. Sendo que o Regener sempre dizia “Milton, vamos montar a associação de moradores com uma proposta: primeiro, nós temos que preparar o povo para a emancipação”, porque o Regener Trindade, ele já tinha a experiência do irmão dele, que era o Jacson Trindade. Ele já tinha feito coisas, só que diz ele, contava pra mim, que o processo de emancipação, naquela época, sumiu, por graça e por obra do Paixão, o Paixão tinha dado sumiço no processo de emancipação, tá. Mas eram só

informações. Eu não entrava em detalhe. Então, entramos na luta das associações de moradores. A proposta foi sempre lutar pela emancipação, e sempre preparando o povo para emancipação. A nossa associação que era a São Lucas tá, era um bem ativista, trabalhava-se um grande futuro, com 90 associados aqui, nós tínhamos um trabalho realmente na associação de moradores, tá. E a força dentro da associação de moradores aqui era Alcenir, era do PT, tinha uma porção de gente, um porção de pessoas que era do PT que era ligado à igreja, e que trabalhava com a gente aqui, sabe? E essa luta nossa da emancipação foi de 83, de 83... Aí começamos a preparar para emancipação. Em 85, aqui ó... Tá, você vê, aqui no salão Nossa Senhora das Graças, nós nos reunimos em 85, já tinha até em que você verifica aqui as pessoas que participaram. As associações de moradores eram fortes, MAB, todas, se você verificar aqui, aqui eram depois...

Cap-
Década
de
80
=

(FÁTIMA) – Esse é o Auberico, aqui?

(MILTON) – É, Auberico, essas pessoas vieram...

(FÁTIMA) – Artur?

(MILTON) – Artur também tava aí. Não, todo mundo tava aí, tá? Então, você vê aí ó, a relação das pessoas, tá.

(FÁTIMA) – Seu Manuel...

(MILTON) – Manuel, é gente que realmente estava engajado na luta, tá. Depois, nós, então, começamos a nos preparar para preparar a associação de moradores, nós tínhamos que unir todas as associações num objetivo só. Então criamos a Comissão de Associação Pró-emancipação, que era lá no Casarão, o Casarão era do outro lado, na casa do... Era o terreno do... Do Trindade...

(FÁTIMA) – Ah, tá, naquele sítio?

(MILTON) – Era um colégio que tem um sítio, que tinha ali. E foi criado naquele momento, chamado Casarão a Emancipação, na Getulio Moura, 580. Nós começamos a reunir todo povo pela luta da emancipação.

(FÁTIMA) – Isso em 83? 85?

(MILTON) – 85, em 85 foi tá. Aí, nós vimos aqui, já em 86, você verificar aqui ó, tá, que nós temos aqui uma série de já unidades se juntando a nós. Você vai ver que jomais que entram... Aqui tinha um tal de César, que era um deputado, aqui, começou a participar do movimento. Quem participou do movimento, o... Hoje, que é prefeito de Nova Iguaçu, participou do movimento da emancipação...

(FÁTIMA) – Mário Marques.

(MILTON) – O Mário Marques era do movimento, ele fazia parte do movimento da emancipação. Você vê que aqui foi marcado, porque não, assim... Esse aqui foi o evento na praça Brasil.

(FÁTIMA) – Ah, tá certo...

(MILTON) – Que nós fizemos um evento pra angariar fundo, a Comissão de Associação dos Moradores Pró-emancipação. Agora, esse processo, é o tal negocio, né, ele só não passou porque o Paixão...

(FÁTIMA) – Esse daí também?

(MILTON) – Esse de 87. Porque, na realidade, é o seguinte, o Paixão deve ter o mérito, né. Quando ele quis emancipar, ele emancipou. Mas por quê? É porque era um movimento de associação, eu sempre achava que não adiantava a gente rejeitar o político, porque o político não ia aceitar ser carregado pelas associações, e esse movimento é um movimento eminentemente das associações de moradores, aqui ó, movimento da associação de moradores. Aqui esse aqui...

(FÁTIMA) – O seu Edmundo também participou?

(MILTON) – Luis Edmundo....

(FÁTIMA) – Luis Edmundo...

(MILTON) – Luis Edmundo, Luis Edmundo. O Nesval...

(FÁTIMA) – Nesval Magalhães.

(MILTON) – Nesval Magalhães. O Rubens, tá. Você vai encontrar aqui ó: vereador Mário Marques, tá. Ele aqui faz até uma, faz um pequeno histórico da, da, do município de Mesquita, ele era conhecia um pouco Mesquita. Ele era filho daqui, morava aqui, né? O vereador Ivan Rodrigues participou. Nicodemos, aquele que foi assassinado...

(FÁTIMA) – Nicodemos, eu sei que é, na Santa Elias...

(MILTON) – De Santa Elias. O seu Francisco sabe? Que era do MAB, representando... O Vereador Iran Lemos, tá. O Nelson Louzada, aliás, até Nelson Louzada aqui faz uma declaração que é... Como é que a gente fala aquilo? O Helio Mendes Amaral, Rechuem, Santa Rita, o Airton de Oliveira, tá. É porque o Nelson aqui ele diz, ele aqui faz, eu não sei onde que ele fala aí, ele fala aí que o PT tava sabotando o movimento da emancipação. Falou que o PT não queria. _____. O doutor Alberto, tá, a professora Teresa, aquela que o marido dela foi assassinado. O padre Arlindo, da Igreja brasileira... Padre Arlindo, da Igreja Brasileira de Chatuba.

(FÁTIMA) – Ah, tá.

(MILTON) – Você vê o que você vai querendo me perguntar. O Ludi Gerald, de Santa Rita, tá. O Ronaldo, o professor Ronaldo, da Igreja Machado de Assis, era um batalhador também. Tem mais outro...

(FÁTIMA) – Alcenir?

(MILTON) – O Alcenir. A igreja batista iguaçuana era representada, toda igreja, depois você vai ver uma relação de todas as coisas: Jorge Luis, o Pedro Alcântara. Nós tínhamos realmente gente de gabarito. O Nicola, que é da AMES – que, aliás, nem sei que fim levou? O Teotônio, aquele cara do PND. Se você quiser, inclusive, ficar com esse papel depois que tiver tempo e quiser ler, porque...

(FÁTIMA) – Ah não, se o senhor me emprestar...

(MILTON) – Leva para você. Lê e você vai...

(FÁTIMA) – Eu quero, sim...

(MILTON) – Se você ler isso aí você vai acabar conhecendo, inclusive, até... Seu Vanderlei, o Vanderlei, essa aqui, o Vanderlei tinha morrido, ele foi assassinado, eu me lembro, ele era o ex-presidente do Tênis Clube, a esposa dele cedeu aquele casarão, onde agora parece que é loja de bateria, esse troço todo aí. E ali é que nós reuníamos, né. Que era a esposa dele. Aqui, quem passar, as Igreja Católica, Pentecostal, ali o casarão que ele é. Santo Elias... Núcleo de emancipação, você tinha um núcleo da emancipação lá. Santo Elias, Banco de areia, inclusive, eu dou isso aqui para você, inclusive, eu queria até dar para o Alcenir, porque o Alcenir agora está entrando na política, e eu queria, eu queria que tivesse um vereador para resgatar o nome, por exemplo, do Regener, do Regener Trindade. Tem nome que foi esquecido, gente. A emancipação não é do Paixão, quando ele pegou, o povo já tava pronto, a comunidade já tava preparada para a emancipação, e essa luta toda e essa luta toda inédita vem desde 58, 59 com o pessoal, e o movimento crescido aqui da emancipação das associações. Ele pegou o povo pronto. E quando nós fomos para assembléia – você vai encontrar a ata da assembléia, tudo isso –, ele, por cima do muro, aproveitava e tolia, né. Criava dificuldade, né. Mesmo Paixão, a emancipação não passou porque o Paixão realmente...

(FÁTIMA) – Quer dizer que nesse movimento de 86, 87 a força das associações, o senhor acredita, porque não passou...

(MILTON) – Porque realmente os políticos estavam sabotando. Apesar deles terem interferindo, porque, na realidade, o Paixão tinha muita força dentro da câmara...

(FÁTIMA) – Mas nessa de 87, ele era contra, ele não participou.

(MILTON) – Ele participou dentro, ele pegou realmente o microfone no dia que nós fomos lá na votação...

(FÁTIMA) – Lá na câmara de Nova Iguaçu?

(MILTON) – Não, não...

(FÁTIMA) – Não, na assembléia.

(MILTON) – Na assembléia, na assembléia, na assembléia... Na assembléia ele pegou, mas na realidade, o negócio tava preparado por trás, tá.

(FÁTIMA) – Ele pegou o que, falando a favor?

(MILTON) – Falando a favor, mas na realidade as coisas estão andando aí... É o tal negócio, ele atrasou o movimento porque ele tinha jeito de fazer esse troço, tá. E Ele fez. A emancipação somente aconteceu quando ele quis, a verdade é essa. Mas não, que eu sempre achava que o... A associação de moradores aqui, apesar aparentemente parecia que tinha força, mas eu sempre contestei, "não adianta, se nós realmente não cooptarmos os políticos, pra tar com a gente, eles podem estar realmente...". Claro, o político não quer se criar problema com a associação. Eles se apresentam, estão dentro de tudo isso, mas no fundo, no fundo, eles vão trabalhar por conta. Tanto assim que se vê o Paixão entrou... Agora, o Paixão pegou o bolo pronto.

Eu acho o seguinte, tem que resgatar essas pessoas aqui, o Sebastião Lima, Carlos Magno, Edson Lopes, Ivan Rodriguez, tudo isso, _____... São todas pessoas que foram relacionadas, e que estavam nessa reunião do casarão, tá. E todas as entidades aqui ó: núcleo de emancipação Santo Elias, Edson Passos, tudo foi montado, tava tudo preparado, tá. Associação no morro...

(FÁTIMA) – Tinha alguém que coordenava esses grupos?

(MILTON) – Tinha, a coordenação era feita pelo próprio casarão, o casarão, a coordenação era do... Tem aqui, era daqui ó, do Ronaldo, da Marinês...

(FÁTIMA) – Eu tô, eu tô, eu já tô com contato com ela pra entrevistá-la, a Marinês, Marinês. Ela é advogada hoje.

(MILTON) – Ela tá em Brasília?

(FÁTIMA) – Não, não ela tá no Rio.

(MILTON) – Tá no Rio? Porque ela disse que não gosta daqui, ela perdeu o filho, o filho dela foi preso, né?

(FÁTIMA) – É, é, é...

(MILTON) – Pois é, mas você me pergunta o quiser. De repente você quer alguma coisa que...

(FÁTIMA) – Não, é, o senhor já entrou falando disso, né. Eu queria que o senhor, se o senhor puder falar um pouco mais sobre esse movimento de 87, como é que vocês faziam nas reuniões? Como é que foi também é, o dia do plebiscito, e depois com a...

(MILTON) – O dia do plebiscito, o dia do plebiscito, nós não alcançamos o corum. Por isso que não ganhamos, nós não alcançamos o corum. Como o próprio Paixão não

alcançou o corum, né. Mas, como é que ele fez isso? Paixão sabia que tinha votos ali que era voto que não precisa contar, né. Inclusive, o índice tava errado, porque muita gente morta tava votando, né. Quer dizer, ele sabia desse detalhe, mas nós não tínhamos esse alcance, na realidade, nós, de repente, nós alcançamos o corum, só que nós não limpamos...

(FÁTIMA) – É, não limparam.

(MILTON) – Não tínhamos como limpar.

(FÁTIMA) – Mas dizem que nesse primeiro plebiscito choveu muito, isso atrapalhou muito, foi um dia de chuva.

(MILTON) – Não, e houve, houve um negócio, houve também atividades paralelas para tirar o eleitor das urnas.

(FÁTIMA) – Me conta um pouco, que atividades aconteceram?

(MILTON) – Não, atividades, foi atividade, vários ônibus saíram para excursão aí, levando o povo, tá.

(FÁTIMA) – Mas promovido por quem, o senhor acha?

(MILTON) – Pelo próprio movimento que é contra a emancipação. E o Paixão tava por trás disso. O Paixão tava por trás disso, tá. Ele realmente mobilizou pessoas que foram, e não votaram. Porque o voto aí, no caso, era obrigatório? É, é era obrigatório... Não era...

(FÁTIMA) – Não, eu acho que não, no plebiscito não.

(MILTON) – Não, no plebiscito não era obrigatório. Exatamente por aí, por não ser obrigatório, realmente, eles atrapalharam a nossa votação. Levaram muita gente pra...

Saíram ônibus e mais ônibus daqui de Mesquita para atividade aí que eles inventaram na última hora pra tirar o povo...

(FÁTIMA) – Eles o senhor fala, o Paixão. E quem mais?

(MILTON) – Paixão e a turma que estava por trás, que estava escondido, né. Porque tinha uma turma ali que não aparecia, sabe? Porque quem a gente detectava mais era o Paixão, O Paixão, mas tinha muita gente interessada, que era contra a emancipação. Por exemplo, a maioria dos loteamentos falsos aqui, por exemplo, casas, a gente contestava casas feitas acima do rio, inclusive, nós já vínhamos discutindo isso. E outra coisa, a preocupação é quem seria o prefeito. Naquela época, pintou a hipótese até que o prefeito, o primeiro prefeito seria o Regener Trindade. Tanto assim que inventaram um negócio que o Regener Trindade, inventaram um negócio dele de cheque sem fundo, um monte de troço. Eles começaram a dificultar a vida do Regener Trindade imaginando que ele fosse o candidato a prefeito, tá. Então, começou aquela briga política, aquela briga suja tá, e que eu de certa forma não alcançava muito porque eu andava mais preocupado com a mobilização do povo, tá. Essa parte política assim como é que tava funcionando, eu não alcançava, só alcançava o seguinte, eu sabia que o Paixão estava por trás desse negócio, e que os políticos, apesar de tarem junto com a gente... O próprio Nelson, a gente não achava que o Nelson, pra ele cedia um lugar pra gente, tudo isso, ir lá, discutia tudo, mas nós não sentíamos força política capaz de, por exemplo, quer dizer, estavam junto com a gente, mas não se empenhavam a fundo, tá. Não contribuía com nada, tá. Associações tinham que se virar, arranjar dinheiro, fazer evento, inclusive, quantos eventos nós fizemos pra arranjar dinheiro para poder...

(FÁTIMA) – Ainda não tinha Comitê Pró-emancipação não, né?

(MILTON) – Não, o Comitê não. Existia realmente uma reunião de um grupo que era que funcionava...

(FÁTIMA) – Que era comissão?

(MILTON) – Que era a comissão. Comitê ainda não tinha comitê montado.

(FÁTIMA) – Veio só depois, né?

(MILTON) – Isso aí veio depois de... Então, o que a gente achava era isso. É que tinha por trás toda essa máquina contra o movimento da emancipação. Se você ler depois o coisa, você vai ver aqui várias contestação, que eu cito aqui, tem muita coisa que está na minha cabeça, outras não pode, né? O Edmundo, Luis Edmundo, aquele, né? Né? Aquele, ele, aqui disse que um pela comissão não existe, o companheiro, é aquele negocio, porque tem o seu Nicola, o Nicola disse que, por exemplo, o seu Framinho não era o homem da executiva, Era aquela briga política, um jogando contra o outro. E que não ajudava a emancipação, só criava coisa, né? A gente queria realmente tentar unificar tudo, mas existia pessoa que só queria discutir, apresentar problema para, a falação um jogava contra o outro. O Framinho, dizia que era da executiva, mas o outro achava que ele não era da executiva, e aquele problema sério, que criava aquele tumulto danado, e que aquilo não ajudava a gente, né, era uma briga muito grande, e os políticos de aproveitaram desse negócio, então... Você lê, se você ver aqui.

(FÁTIMA) – Agora, depois de 87, que não passou o plebiscito, o quê que vocês fizeram?

(MILTON) – Bom, eu, sinceramente, não participei, mas o nosso grupo, praticamente, as associações começaram a se diluir, né, todas elas. As associações depois de 87, elas não se mobilizaram mais pelas... Até porque os políticos começaram a cooptar as associações, começaram entrar nas associações. Até então a associação era independente, mas depois começou, né. Os políticos a entrar nas associações. Aqui mesmo entrou o Carlos Magno, começou a entrar, entrou o Quinha... Foi entrando gente dentro das associações e foi descaracterizando. Lá na Chatuba, o problema lá do coisa, lá do cara que era presidente lá, foi nomeado diretor do Ciep, esse troço, começaram a desmontar a associação, então...

(FÁTIMA) – Mas teve mais dois plebiscitos, o de 93 e o de 95, então...

(MILTON) – Não participei. Nesse de 93, a única coisa que eu tenho foi até esse...

(FÁTIMA) – 87?

(MILTON) – De 87. Daí em diante, sinceramente, eu não participei, a nossa associação também não participou...

(FÁTIMA) – E o seu Regener, participou depois?

(MILTON) – Não...

(FÁTIMA) – Também não.

(MILTON) – O Regener ficou doente, o Regener até morreu.

(FÁTIMA) – Não, não, eu sei, mas ele morreu agora em 2000.

(MILTON) – Exatamente. Nós participamos, fomos lá, várias reuniões, inclusive, eu tô dizendo essa de... Irmã do... Filha do Hélio Mendes Amaral, ela tinha um comitê na Chatuba, a associação _____, na Chatuba, que estava organizando. Eu e o Regener tivemos lá. Eu me lembro que o Paixão, naquela época tava presente lá, já luta do Paixão, e o Paixão queria até fazer uma, assim como diz, dizer que era dono da emancipação, eu me lembro que o Regener se aborreceu, disse que ele não era o dono da emancipação coisíssima nenhuma, que ele tinha que ver. Houve uma briga assim, um mal entendido, o Paixão tentou cumprimentar o Regener, todo mundo achava que o Regener tinha que ceder, sabe como é que é, apaziguar tudo, porque o Paixão tava com a _____ toda na mão, né. Mas o Regener não aceitou, e eu sei que quinze dias depois o Regener teve um infarto baseado nisso. Ele infarto porque ele não agüentou, porque ele viu realmente que quem tava assumindo tudo da emancipação, segundo ele, a concepção dele, era um traidor e que não tinha porque ser o dono da emancipação, porque ele não reconhecia que existia um movimento de emancipação anterior, e que só ele tava aproveitando daquilo dali, entendeu?

(FÁTIMA) – Certo...

(MILTON) – E que tinha gente que tava se entregando para ele.

(FÁTIMA) – Parece que a memória curta, né.

(MILTON) – A memória, inclusive, ele, o Regener contestava, quanto a filha do Helio Mendes Amaral tá apoiando o Paixão, porque ele dizia “ele é o traidor dos idéias de Helio Mendes Amaral, porque que você está apoiando esse homem?”. E foi aquele bate boca, aquele troço todo, mas ela tinha pretensões políticas, sei lá, esqueceu da tradição, esqueceu de tudo.

(FÁTIMA) – Porque o senhor Helio chegou a participar de 87? Chegou?

(MILTON) – Chegou, em 87 tá ele, em 87...

(FÁTIMA) – Aí, depois, no próximo, que ele já não estava mais vivo, aí, vocês foram em alguma reunião, dessa que o paixão já estava envolvido...

(MILTON) – Já tinha morrido.

(FÁTIMA) – Já tinha morrido, tá. Mas a filha do Helio...

(MILTON) – A filha do Helio estava, inclusive, apoiando e ajudando Paixão. Aí que o Regener contestava. Contestava porque era inadmissível. Como é que o Paixão tá dizendo agora dono da emancipação. É ele que fez tudo. Ele que foi o sabotador, o Regener sabia de toda a história. O Regener conhecia os mínimos detalhes sobre as associações. O Regener sabia realmente que o movimento da emancipação foi torpedeado. Ele vinha desde a época do Jacson Trindade porque o Paixão sempre veio combatendo a emancipação. Sempre... E, agora, dessa vez ele tá querendo ser o pai da emancipação, ele dava o nome de pai da... Eu me lembro que foi ele, o pessoal

começou aplaudir, inclusive, o Luis, esse Luis, Luis Edmundo, que é um puxa-saco, ele que puxava o coisa, e ele disse “como é que pode, cara. O Luis Edmundo é um cara que trabalhou pela emancipação e agora está colado, independente de ser, aceitando que o Paixão tá dizendo que é pai da emancipação”. O Regener, não cabia aquilo na cabeça dele, né. “O que ele queria? Tudo bem que você tá aceitando, você tá ajudando numa situação, mas a emancipação já estava pronta, o povo já estava mobilizado e preparado para emancipar. Você só aproveitou. Como é que você é pai da emancipação? O pai da emancipação é Helio Mendes Amaral”, eu me lembro que ele falava, “esse é o pai da emancipação. E Jacson Trindade pode ser o pai da emancipação, e você não, você pegou tudo no meio, o bolo pronto”. Aí que houve aquele bate-boca, eu lembro que o Regener se afastou, pediu para sair, como eu tava solidário com ele, eu tava junto com ele sai também, eu acho que quinze dias, eu acho que não foi mais do que isso, eu soube que ele...

(FÁTIMA) – Isso foi em que ano? Que foi o falecimento de seu Regener?

(MILTON) – Eu acho que foi 93, né, foi logo depois que o coisa lançou o movimento de emancipação. Tanto assim que o Regener morreu sem ver a emancipação. Foi agora, na formação, na emancipação, tanto assim que o Regener morreu antes da emancipação, ele não assistiu a emancipação.

(FÁTIMA) – A emancipação foi em 99...

(MILTON) – Então ele morreu foi agora em 97, 98... 98, já não me lembro bem...

(FÁTIMA) – Isso aí são jornais...

(MILTON) – É, o TRE só falava em plebiscito em 87. Tava tudo sabotado, tava tudo movimentado pra empurrar com a barriga, empurrar pra frente, tá. O negócio, inclusive, tinha uma jogada política, se eu não bem entendo, que eles tinham que empurrar pra frente, sabotaram aí o coisa. Só que é o poder judiciário, é que a gente vê o negócio da preparação da emancipação, porque tem um problema de limites, né. Do Tribunal

Regional Eleitoral isso aí foi eu e Regener fomos buscar isso lá. Aqui é O Radical, que foi o primeiro após a emancipação aqui, edição especial.

(FÁTIMA) – Que legal isso hein...

(MILTON) – O povo de Mesquita na rua pro voto.

(FÁTIMA) – Isso foi já perto do plebiscito, que foi até o dia 5 de setembro...

(MILTON) – Em 87, né, foi pouco. Aí _____ uma coisa que foi especial, ele tava mostrando...

(FÁTIMA) – Ai que bom, isso vai ser muito bom pra mim.

(MILTON) – Aqui ó.

(FÁTIMA) – São as regras.

(MILTON) – Aqui são, a decisão lá do plenário, a resolução tá. Os desembargador que assinaram, tá. Doutor Ivan Paixão, _____ Paixão. Consulta plebiscitária marcada para seis de setembro tá, isso aqui é o processo, tá, de emancipação, né. Aqui, certidão, isso aí é a mesma coisa – você querendo sair disso aí, você saía, com relação ao negócio dos limites tá. Aqui, o quê que é isso aqui? Ah, é sobre Eduardo _____, aqui é sobre a questão de habilidade de arrecadatória, que nós fomos levantar isso lá no, na secretaria de fazenda, provando que nós tínhamos condição de emancipar. E tem gente, tem gente que achava que a gente não tinha condição de emancipar naquela época e tal. Tá habilitado para se emancipar. E esse aqui, o quê que é? Esse aqui é, são os primeiros, tá, os primeiros elementos que deram essa, esse, o seu, não me lembro o nome, abono pra emancipar. Que tem, sabe, não sei quantos títulos de eleitor.

(FÁTIMA) – Pra dar entrada no processo, e o processo queria deflagrar o plebiscito?

(MILTON) – O plebiscito. Aqui tá. É isso aí, minha filha, porque eu sei mais ou menos. A gente não guarda muito na cabeça, mas de certa forma o seguinte, eu não acho que o Paixão tenha méritos de ser patrão da emancipação, o patrão da emancipação, inclusive, um dia desses eu tava conversando com o Alcenir, eu até falei “Alcenir, se tu for vereador vou te pedir um negócio, tá, que você resgate a memória dos verdadeiros emancipistas, daqueles que plantaram o movimento da emancipação, o embrião da emancipação, tá”. Porque na realidade o homem pegou realmente o troço pronto e acabado. Agora, é claro que ele teve uma articulação política, e a vivência política que quando o momento não deu, ele recorreu porque ele sabia que tinha gente votando que já não era para votar, ele sabia realmente que o censo tava errado, tá, então é por isso que ele recorreu e ganhou, porque baixou o corum.

(FÁTIMA) – É, baixou o corum.

(MILTON) – E por isso ele passou, né. Agora, houve sabotagem, claro, na época da emancipação, do plebiscito, os políticos, inclusive, o Paixão tava no meio, mobilizaram as pessoas para uma reunião aí, pra festa, levaram, saíram não sei quantos ônibus daqui, levando as pessoas, tirando as pessoas de Mesquita pra não votar, porque o voto não tinha, o voto não era obrigatório, então as pessoas não iam...

(FÁTIMA) – Lógico...

(MILTON) – Então aí, faltou corum pra gente, faltou corum. Podia até ter faltado, mas de fato, tá. Por que? Porque houve uma mobilização contra a emancipação. E no momento em que ia se emancipar, o Paixão ele foi, na verdade, o seguinte, os verdadeiros emancipistas, estão mortos. Outros estão por aí: Luis Edmundo, o **Ludi Gerald**, que inclusive ele o **Ludi Gerald** para mim são o que dá entrada no processo. Eles é que abrem esse de 87. Eles é que abrem.

(FÁTIMA) – Porque em 57 ainda não tinha plebiscito. Foi instruído um processo pelo o que eu li, e foi esse que desapareceu.

(MILTON) – Que desapareceu. Essa história eu só sei, assim, fragmentos que o Regener me contava. Que realmente, que o Paixão tava envolvido naquele negócio também já naquela época. Já naquela época. E que o Regener... Inclusive tinha até a primeira ata. Eu não sei onde tá, eu perdi a primeira ata. Mas, eu botei até num papelzinho inclusive...

(FÁTIMA) – A primeira ata desse de 85?

(MILTON) – De oitenta e... Tem essa de 57, 58. É a reunião de 58, que eu acho que foi em uma Igreja...

(FÁTIMA) – Foi no Clube Sete de Setembro.

(MILTON) – Pois é... E era uma original que tava comigo, uma cópia original.

(FÁTIMA) – Ai, seu Milton... O senhor não consegue isso?

(MILTON) – Não sei como. Você sabia que nós tínhamos até um hino da emancipação, não é?

(FÁTIMA) – Não, não sabia disso.

(MILTON) – Nós tínhamos um hino. E, inclusive, quem deve ter esse hino, a Marinês deve ter esse hino. O hino antigo da emancipação.

(FÁTIMA) – Ah, mas eu queria tanto...

(MILTON) – Foi montado até por um cara que já morreu. Era um cantor nosso aqui. Aqui de...

(FÁTIMA) – Foi montado nessa época de 83, 84...

(MILTON) – Gil **Biere**... Não, antes. É da turma anterior.

(FÁTIMA) – De 57?

(MILTON) – De 57, 58. É um bolachão. É um hino da emancipação.

(FÁTIMA) – É mesmo? Isso ninguém me falou.

(MILTON) – Mas tem. E que deve saber isso é a Marines. Porque o Regener...
Inclusive, nós saímos com o carro botando o hino da emancipação para tocar. O
Regener com aquele fusquinha dele, nós saímos aí.

(FÁTIMA) – É, o Artur me falou que era o senhor e ele que saíam com aquele fusquinha
e ia percorrer as associações.

(MILTON) – Íamos em todas as associações, tocando, ele trazia aquilo...

(FÁTIMA) – E o senhor não ficou com nenhuma cópia do hino?

(MILTON) – Não, não...

(FÁTIMA) – Nem escrita?

(MILTON) – Não, nem escrita, não...

(FÁTIMA) – Eu vou procurar saber agora, né.

(MILTON) – Eu tenho uma gravação em fita do Regener, mas, o Regener é o tal
negócio, é do Regener falando...

(FÁTIMA) – Tem? O senhor tem?

(MILTON) – Eu tenho. Eu tenho procurado, porque eu tenho para mais de 200 fitas.

(FÁTIMA) – Ai, procura para me emprestar. Eu reproduzo uma fita e devolvo.

(MILTON) – Eu tenho uma fita de uma reunião no Mesquita Tênis Clube... Não é esse não: Mesquita Futebol Clube, e que tão falando da emancipação, o Regener pede a palavra, tem várias pessoas que fazem... Eu vou ver isso aí.

(FÁTIMA) – Tenta achar isso para mim, porque isso é valioso.

(MILTON) – Eu vou tentar. Agora, eu faço questão de entregar isso aqui para você. Eu ia dar pro Alcenir, porque o Alcenir vai entrar para a política agora, eu tenho a impressão que...

Lado B

(MILTON) –...Eu acho que nós devíamos realmente resgatar a memória desses elementos que... Agora, depois que você ler aqui, você vai verificar quantas pessoas participaram da emancipação, e que hoje está esquecidas. Nem lembradas, pelo menos... Eu, inclusive, eu se fosse um candidato a vereador, a primeira coisa que eu ia pensar é realmente contar a história, porque isso não pode perder. Porque parece que a história começou de Paixão para cá. Não: olha para trás, e vê Mesquita quando começou a lutar. O doutor Nesval, o professor Nesval, o Nesval - você já esteve com ele?

(FÁTIMA) – Nesval de Magalhães?

(MILTON) – É.

(FÁTIMA) – Não, ainda não.

(MILTON) – Faça uma entrevista com ele, porque ele tem toda a história da emancipação. Ele tem. Porque ele inclusive escreveu tudo isso. Ele é da Rádio, ele é dessa FM aí...

(FÁTIMA) – Ele é de mora em _____, né?

(MILTON) – Mora na _____. Porque o Nesval tem realmente tudo sobre Mesquita, sobre a história de Mesquita. Ele pode até ratificar muita coisa que eu já esqueci, mas ele sempre escreveu, né. Porque eu guardei isso aqui porque eu era secretário, mas, guardei papel. No fundo, no fundo eu não sei muita coisa sobre a história antiga da emancipação. Eu sei fragmentos que o Rainha me contava, mas o Nesval conhece mesmo profundamente a história. Ele conhece toda a história de Mesquita. Eu acho que teria que resgatar a história de Mesquita. Porque não tem. Não tem. Você conhece a emancipação, parece que o Paixão foi o primeiro emancipador – ele que não é. Tem uma história, desde 58 que já havia uma história.

(FÁTIMA) – E depois que eu escrever meu trabalho o senhor vai ter que ler, que vem toda a história.

(MILTON) – Pois é, e eu quero...

(FÁTIMA) – Vai ser convidado para a defesa.

(MILTON) – Eu acho que tem... Agora, procura o Regener e o Nesval, o Nesval que é a pessoa ideal. Pode até, realmente...

(FÁTIMA) – É aquele seu Nesval de Magalhães, do _____.

(MILTON) – É, o evangélico.

(FÁTIMA) – O evangélico.

(MILTON) – Que é pastor.

(FÁTIMA) – Sim.

(MILTON) – Ele tem toda a história, porque ele sempre foi um estudioso nesse negócio, né. Muito mais do que eu. Porque ele até, realmente, era o cara que escrevia muito. E o outro, o Iran, que é do jornal – que até fazia parte da emancipação também. Esqueci o nome dele: Iran não sei de quê. Esse, o Nesval sabe muita coisa sobre a emancipação. E eu, por exemplo, posso encontrar a fita, porque eu tenho muita fita. Eu tenho fita que eu gravei exatamente o Regener falando sobre... Eu não sei se de repente eu acho até uma fita em que o hino da emancipação está sendo tocado.

(FÁTIMA) – Ah, se o senhor encontrar vai ser fantástico.

(MILTON) – Mas, agora, eu tenho, que essa bolacha, esse coisa, você pode encontrar ou com o Hélio Mendes Amaral, com a família dele, com a família dele, ou com a Marinês Trindade. Porque esse disco ficava no carro do Regener. Nós tocávamos o hino da emancipação. Porque o Regener combateu na emancipação. Incansável. Uma pessoa que não pode esquecer. Eu nunca esqueço do Regener, a luta que ele fez. Ele lutou muito pelas associações, era um idealista, ele... É pena ele ter morrido sem ver emancipar, mas ele lutou, por isso que eu não admito... Eu acho que o Paixão – ele agora está numa situação ruim, né? Parece que tá até pagando aquilo que ele fez... Porque tem muita gente que tá esquecida nessa emancipação. Que deveria realmente ter um tributo, né? Regener Trindade é um cara que teria que ser pensado, ele, Helio Mendes Amaral, Jacson Trindade, e foram tantos outros, e tem outros mais, né? O professor Ronaldo Meira, que foi um batalhador, um lutador, o professor Ronaldo. Eles tinham interesses outros, né? Claro que tinham, só que eu acho que o Regener, o Regener era idealista puro, porque ele não precisava disso, ele queria ver Mesquita emancipada. O Regener era idealista, os outros não, tinham alguns segmentos, o Ronaldo tinha alguns interesses políticos mais imediatos, um monte de coisas, ou próprios políticos que estavam junto com a gente, na realidade o seguinte, eles sabiam que se emancipasse melhoraria para eles também, mas no fundo, no fundo, eles não

estavam nem empenhados, eles estavam interessados no que eles ganhavam em Nova Iguaçu. Corredeira, e essa turma toda... Corredeira era um traidor da emancipação. Sempre combateu... Mário Marques não, aquele outro, como é, aquele? Também tinha que ser contra a emancipação né? Altamir, né?... Mas tinha que ser, né? Ele não poderia ser a favor da emancipação, né?

(FÁTIMA) – Agora me diz uma coisa, que eu tô curiosa, nessas, nesse movimento que o senhor começou junto com Regener, com o seu Regener, de 83, na batalha pelas associações, quais eram, entre vocês, né, que percorriam, perseguiam esse ideal, quais eram as primeiras razões, as razões que vocês conversavam da importância da emancipação para Mesquita?

(MILTON) – É, primeiro, então, nós começamos a fazer um trabalho, que era um trabalho doutrinário. Primeiro nós tínhamos que mostrar ao povo como Mesquita era largada, tá. Então, a gente começou a criar primeiro a idéia de luta, de luta, ^{como?} cobrando saneamento, fazendo passeata, indo para a prefeitura, batendo de frente, preparando o povo pra aquilo, né? O Regener tinha essa proposta: “primeiro precisamos preparar o povo”. Em 83, já tinha um embrião da emancipação, estava embutido na gente, a gente já emitia ideal. Não adianta preparar a emancipação, preparar as associações simplesmente para cobrar a limpeza... Não, preparar ela pra lutar pela emancipação. Por isso que logo a seguir que veio o movimento das associações pela emancipação, porque ela estava sendo preparada para isso...

(FÁTIMA) – Mas qual era a conversa entre vocês dois? Porque que vocês... Se a gente fosse falar assim, quais eram as razões para emancipação, além da que o senhor já falou?

(MILTON) – Bom, as razões que entre eu e... É o seguinte, primeiro que a gente achava que em Mesquita tinha tudo para ser independente, tá. Mesquita era muito importante para Nova Iguaçu, nós sabíamos disso, tá, porque a própria arrecadação dela, tá... Foi um choque muito grande que Mesquita deu em Nova Iguaçu, tá. Por que? Nova Iguaçu realmente perdeu uma fatia importante de Nova Iguaçu, Mesquita foi... E nós sabíamos,

nós sabíamos realmente a capacidade de Mesquita, o problema que ela tinha com relação às indústrias, os postos de gasolina, nós sabíamos que tinha condições, Mesquita tinha condições de se emancipar. Sabíamos perfeitamente, agora, o que faltava a gente entender é que tinha que passar isso para o povo, o povo tinha que sentir vontade de ser realmente coisa. Mas tinha um problema muito grande aqui em Mesquita. Sabe qual era o problema? O grande problema que combatemos, aí, que o Paixão até utilizou isso dentro de Mesquita, era os forasteiros de Mesquita, aqueles que não eram de Mesquita, sabe quem era? Os Cosmorama. Os Cosmorama foram um grande encaixo contra a emancipação naquela época. Por que? Porque na realidade o quê que é o povo de Cosmorama? Era o povo que por situação financeira, econômica do Rio, eles tiveram que sair do Rio, não estavam conseguindo viver. Então, vieram pra cá. Então na realidade eles eram o que? Um transitório por aqui, eles não vinham com a intenção, eles não são nativos daqui, eles não tinha nada que lutar por Mesquita, Cosmorama era difícil você ver um Cosmorama criar consciência emancipista.

(FÁTIMA) – O senhor localiza mais algum outro lugar de Mesquita que tinha uma resistência maior além do Cosmorama? Que o senhor se lembre?

(MILTON) – Não, eu me lembro do Cosmorama. O Cosmorama realmente era coisa. As outras partes existia realmente algumas, alguns locais que era um tanto assim, diferentes, né, tinham um pensamento diferente, mas o povo ainda não estava preparado, faltava conscientizar o povo na emancipação, só que o Cosmorama era realmente reacionário. O Cosmorama era... Porque era uma espécie de condomínio dentro de Mesquita, tá. Era diferente porque, por exemplo, e outra coisa, o que nós começamos a levantar a cabeça de todo mundo exatamente para os proprietário de Mesquita, as pessoas que tinham residência aqui, que moravam aqui, que tinha sua casa, que tinha seu terreno aqui. Uns moradores transitórios, aqueles que pagavam o aluguel não tinha muita preocupação com a emancipação, então nós começamos a mobilizar realmente aquele cara que tinha sua casa aí e precisava realmente lutar. Uma que nós mostramos para ele é a questão da luta pelo saneamento, pela melhoria do bairro, tudo isso. Sempre colocando que isso realmente desembocaria numa situação melhor se o município emancipar, porque Mesquita tinha tudo para ser dona do seu

_____ . Nós tínhamos até um *slogan* que a gente dizia assim, mais ou menos assim, “muito melhor você viver numa tapera que é sua de que morar numa casa em que você é um inquilino”. É o caso de Nova Iguaçu: nós não somos inquilinos, mas pagamos alugueis pra Nova Iguaçu, então, nós não temos nada, tá. Agora, se nós fomos donos daqui, Mesquita ainda que seja pobre... Eu me lembro que tem uma pessoa que certa vez disse “ah, mas isso vai virar Italva, que se emancipou, e depois não agüentou...”. Mas nós não pensávamos isso. Nós sempre colocávamos que Mesquita tem condição, Mesquita não é Italva. Mesquita é um município que tem condições de emancipar, e a gente começava a jogar isso pro povo, fazendo, montando associação, criando, procurando liderança, pessoa realmente que tenha. A primeira coisa que a gente procurava, que o Regener procurava é saber quem é que tinha condição de liderar, pra ser o presidente da associação. Então, lá fomos pra J teles, que tinha um mineiro; nós fomos lá pra São João, que tinha um... Fomos procurando essas pessoas, fomos montando a associação para atrair a liderança, e já criando na cabeça deles um movimento de libertação, um movimento de emancipação. Hoje nós não tamos pedindo a Nova Iguaçu, mas muito em breve nós vamos comandar nosso próprio município. Nós temos tudo... Essa é proposta da associação de moradores, tá. Agora, claro, tinha imediato, a gente tinha que dar pro povo aquilo que era mais imediato, é a luta pela saneamento, aquelas coisas todas. Porque você tinha que criar mobilização. E o povo na medida que estava mobilizado, então, através das lideranças, nas pessoas mais lúcidas dentro do movimento, a gente começou a botar as lutas pela emancipação. O Regener tinha muita facilidade de conversar. O cara realmente tinha... E ele começou a botar devagarzinho, começou a criar liderança, e dessa liderança é que nós... Por isso é que se vê, quando nós fomos aqui, todas as associações estavam com a gente. Todas as associações. A Igreja. A igreja católica, de certa forma, naquela época...

(FÁTIMA) – Como é que era a Igreja?

(MILTON) – Ela tinha, ainda estava meio reticente, tá. A gente não tinha todo o domínio da Igreja católica não. A Igreja católica ainda tinha uns caras que eram contra. O próprio Valdir, lembra? Não era muito pela emancipação. Ele aceitava, porque o Valdir

era o seguinte: ele deixava ver para aonde a massa ia e ele ia. Ele era contra, mas ele acompanhava. O tipo do cara assim. Ele não contrariava a massa. Ele queria um movimento de massa também. Mas, na realidade, eles não eram, eles não eram a favor da emancipação. Participavam...

(FÁTIMA) – Tinha mais alguma força organizada que o senhor localizava que não era, que não marchava junto? Algum partido político?

(MILTON) – O partido político, o partido político, eu não podia definir alguns. Eu não sei, eu tinha uma resistência... Vou ser sincero a você: eu acho que o PT, naquela época, ele não tinha, assim, muito coisa não. Ele não acreditava muito na emancipação. Eu acho que ele não acreditava muito na emancipação. Tinha até motivo para ele não acreditar, talvez, tivesse uma visão política muita mais ampliada, e não acreditava. Mas, a gente tentava de todo jeito arrastar aquelas lideranças que a gente sabia, por exemplo, Alcenir, essas pessoas que a gente tinha mais amizade, a gente trazia eles...

A posição do PT em 86

(FÁTIMA) – E esse pessoal era a favor, né, inclusive, esse pessoal embora fosse o PT.

(MILTON) – Era a favor, né, então, a gente achava que o PT, naquela época, por isso que a gente achava que o PT não tinha, assim, vamos dizer, não tinha muita confiança naquele movimento. Não é que ele fosse contra a emancipação, mas, não tinha confiança. Achava que aquilo ali não ia dar certo, ia dar com os burros n'água, Nova Iguaçu tinha um poder danado, né, naquela época, e não coisa. Mas, no fundo, no fundo, eles sempre vieram junto com a gente.

(FÁTIMA) – Mas, depois então, eles ficaram a favor?

(MILTON) – É, depois, é claro foram, né, foram sendo trazidos devagarzinho. As lideranças, pegando as lideranças, as pessoas mais chegadas, por exemplo, o Alcenir, e essas pessoas que eram do PT que eram mais ligadas à gente, e até ligadas à Igreja, e a própria Igreja nós envolvemos ela como um todo, né? Porque nós começamos a

Igreja

1989
- 1964

25

Igreja
e
suos
pais

colocar na Igreja, quer dizer, a Igreja católica nos dava espaço para a gente falar dentro dela, né? Eu mesmo participava do centro de formação com o padre lá – eu era da Regional I –, e a gente sempre colocava, sempre que estava junto com o movimento de comunidade sempre colocava a sementezinha da luta da emancipação. Aquela idéia, né, que é melhor a gente ter a nossa tapera sendo nossa, do que ter uma casa que a gente vai pagar aluguel a vida toda e nunca vai ser nossa, e que a gente é pequenininho, e a gente vai aplicando, tudo que se aplica está aqui. Então, a gente falava, né, inclusive era a demanda para Nova Iguaçu né, a arrecadação. Tanto assim que você vê, o **Bournieur** ele passou um aperto com o Paixão né, porque na realidade ele queria cobrar toda aquela dívida que o pessoal tava, e o que o Paixão disse para ele? “Olha, tu cobra dívida de lá, e vão cobrar aqui o que vocês arrecadaram não aplicaram no município”. Então, ficou uma pelo o outro. Não encarou, né? E ele ficou quieto, largou o ativo para cá, né, porque se ele fosse cobrar o que ele estava querendo cobrar a dívida ativa, só que limitaram o imposto atrasado. Mas, o Paixão, espertamente, disse “você cobra né, agora a conta a gente vai cobrar na justiça”. Você vai cobrar saneamento numa rua que não tem saneamento? Ele aí falou “você vai para a justiça”. Então... E a gente começou a colocar para as pessoas isso aí. **Eu acho que o movimento da emancipação teve uma grande força quando o Paixão pegou, pegou o bolo pronto, tava tudo pronto. Claro, ele tem o mérito. O mérito dele é que ele conhecia os meandros das coisas lá dentro. Ninguém sabia onde tava o troço. Ele sabia, né. Tanto, assim que ele soube, que ele viu, na hora que ele viu “não dá o corum”. Ele disse “ô, o negócio é o seguinte: pára com isso aí porque tem morto votando, o censo tá errado...”**

(FÁTIMA) – E tinha mesmo, né?

(MILTON) – Tinha, não tinha? E ele, no momento que tava nós, as associações, ele não acusou isso. Por que ele não veio nos ajudar naquela época? Por que ele não mostrou que o corum tava errado, tá? Que nós podíamos fazer uma limpeza que tava tudo errado. E nós tínhamos realmente alcançado o teto, né, naquela época, né. Mas, não. Acontece que politicamente interessava a ele no momento que ele quisesse fazer. Político, né? Político só faz quando ele quer, né. E ele fez. Agora, esqueceu realmente

que o mérito não é todo dele não. Teve movimento aqui. Pega aqui o movimento da associação, que teve muito mais desse levante. E a luta que veio da emancipação vem muitos anos.

(FÁTIMA) – Se o senhor encontrar mais alguma coisa que possa me emprestar, porque eu tô recolhendo isso. Eu já tenho bastante coisa de 57, um pouco desse período, mas eu tinha menos. Eu acho que esse período é muito importante porque foi quando entraram as associações. E o processo de 95 até 99, que é mais recente, então...

(MILTON) – Esse eu não tenho...

(FÁTIMA) – É, esse daí eu fui atrás das pessoas e tudo, né.

(MILTON) – A única que eu tenho é um jornal aí em que o Paixão dá uma declaração, que é uma declaração como o pai da emancipação, tudo isso... Mas, eu tenho fitas, que eu vou localizar algumas fitas, em que o Regener tá falando sobre a emancipação. E que tem pessoas. Parece que eu tenho uma fita gravada no Tênis Clube. Tênis Clube não, Mesquita Futebol Clube, quando o Nelson nos cedeu pra gente fazer reunião lá. Eu tenho fita. Tá, eu tenho que pesquisar as fitas, tá, e aí, eu dou para você, você coloca. Você leva isso aqui, você tem tempo...

(FÁTIMA) – Você tem cópia?

(MILTON) – Isso aqui? Eu dou para você, e se você quiser depois você passa por um seguinte, porque, realmente, eu tenho esse guardado. Eu acho que eu tenho mais papel, tenho mais papel. Mas, eu acho que eu tenho mais papel do regional, tá. Porque também no regional a gente vinha discutindo a emancipação. Porque não só... Isso aqui é um movimento de associação eminentemente pró-emancipação. Mas, as associações já vinham trabalhando a emancipação dentro do próprio Regional.

(FÁTIMA) – Esse aqui tá ótimo.

(MILTON) – Esse aqui é o movimento negro.

(FÁTIMA) – Tá certo.

(MILTON) – E quando você precisar de alguma coisa, eu arranjo para você, tá. O negócio da fita. Eu vou ver a fita. Agora, o hino, procura o hino.

(FÁTIMA) – Eu vou procurar.

(MILTON) – Uma vez eu até pensei assim “já pensou se eu encontrasse o hino da emancipação e aí de repente a gente tivesse uma atividade aí, e colocar o hino...”.

(FÁTIMA) – Mas, a gente até pode fazer isso, se a gente encontrar o hino. Relembrar, né?

(MILTON) – Porque tem o hino, e o hino por sinal muito bonito, tá. Feito por um artista que eu queria me lembrar o nome. E cantado por ele mesmo. Não sei quem fez o hino, quem fez o hino foi um artista também, mas, na época do Hélio Mendes Amaral. Que é da turma do Hélio Mendes Amaral.

(FÁTIMA) – Eu vou tentar achar.

(MILTON) – Você vê se acha. Deve tá com a Marinês ou com a família da Marinês, dona Conceição. Porque era o Regener que tinha a fita, era ele que colocava o bolachão para tocar. Eu, naquela época, nem tive a oportunidade... Parece que eu tenho uma fita em que ele dá a introdução do hino, parece que ele bota a introdução... Depois eu vou ver se eu acho.

(FÁTIMA) – Tá bom.

(MILTON) – É isso, Fátima.

(FÁTIMA) – Seu Milton, como é que eu posso achar o seu Nesval? O senhor falou que ele trabalha aonde?

(MILTON) – É, o Nesval... Ele tem, ele tá com um cargo na prefeitura. Ele tem um cargo na prefeitura.

(FÁTIMA) – Mas, tem uma rádio que você falou.

(MILTON) – A Rádio Cristal. Ele tem um programa na Rádio Cristal.

(FÁTIMA) – É aonde que fica sediada essa rádio?

(MILTON) – Essa rádio é aqui na, no Louzadão.

(FÁTIMA) – Sei.

(MILTON) – É ali naquele coisa, naquela rua. Mas, você vê logo, tem a antena ali, é da Rádio Cristal.

(FÁTIMA) – Eu vou lá sim.

(MILTON) – Você pode ligar para ele.

(FÁTIMA) – Você tem o telefone dele, não?

(MILTON) – Não.

(FÁTIMA) – Não, né, mas eu consigo, sim. Eu consigo.

(MILTON) – Mas, o Nesval, eu tenho a impressão que você vai pegar muita coisa boa com o Nesval. O Nesval tem um acervo grande porque ele é um estudioso, tá, ele é um estudioso profundo nesse negócio de Mesquita. Ele realmente tem toda a história de

Mesquita. Aí, ele pode contar as histórias das entrevistas que esteve na Rádio Solimões. Tudo isso. Com aquele outro, pequenininho, como é o nome dele? Ele agora tá lá em Austin, em Queimados...

(FÁTIMA) - Ismael?

(MILTON) - Ismael.

(FÁTIMA) – Ismael Lopes.

(MILTON) – Nós tínhamos um programa com eles lá, com o Ismael pra emancipação.

(FÁTIMA) – É, eu lembro.

(MILTON) – Da emancipação.

(FÁTIMA) – Tá bom.

(MILTON) – É isso, Fátima. O que eu posso dizer para você, que eu me lembro, assim, a gente se lembra de alguma coisa ou outra, né, mas...

(FÁTIMA) – Mas, se o senhor lembrar alguma coisa, eu vou deixar o meu telefone, se o senhor achar as fitas, se o senhor lembrar de alguma coisa, tiver alguma coisa que o senhor quiser falar, o senhor liga para mim.

(MILTON) – Tá ok.

(FÁTIMA) – Porque isso daí, esse seu depoimento foi muito importante. O senhor falou coisas que as pessoas ainda não tinham falado. Basicamente, desse movimento das associações é muito importante para nós. A gente quer...

(MILTON) – Você pode verificar que tá tudo os cadastros aqui de todas as associações, tá. Inclusive, eu me lembro, aquele hino do doutor Nelson, o seu Manuel, que era do Rotariano, nós botamos lá em cima daquele morro, tá lá “vote sim”, lembra?

(FÁTIMA) – Ah... Eu acho que eu me lembro.

(MILTON) – Tem até foto, eu tenho foto.

(FÁTIMA) – Ah, o senhor vai me emprestar, então, o senhor...

(MILTON) – Eu acho que eu tenho foto do “vote sim”. Eu acho que eu tenho uma foto.

(FÁTIMA) – Ah, então o senhor também vai procurar para me emprestar. Eu tiro uma xerox.

(MILTON) – Eu acho que tem foto do “vote sim”, tem foto sim daquele morro ali, escrito “vote sim”.

(FÁTIMA) – Isso é importante.

(MILTON) – Eu acho que eu tenho. Até o...

(FÁTIMA) – Se o senhor tiver retrato, algum com vocês...

(MILTON) – Eu tenho retrato de alguma coisa, eu tenho retrato da reunião...

(FÁTIMA) – De reuniões.

(MILTON) – Do Casarão, por causa da peste do Casarão.

(FÁTIMA) – Eu posso, eu tiro, eu *scaneio*, tiro xerox e devolvo para o senhor bonitinho. Pode deixar que eu tenho o maior cuidado.

(MILTON) – Eu tenho um acervo, eu tenho para mais de 30 fitas, assim, dessas de, dessas de K7, né. Eu tenho uma porção de coisas. Eu tenho muita coisa aí. Eu andava juntando esses troços todos, sabe? Mas, depois que a mulher morreu, eu comecei a perder o estímulo para essas coisas. A gente vai se entregando...

(FÁTIMA) – Mas, tem que continuar porque isso é importante, faz parte da sua história também, né, seu Milton.

(MILTON) – É, mas agora eu quero que os jovens continuem.

(FÁTIMA) – É, isso aqui, as fitas que eu tô gravando, o seu depoimento com o dos outros, depois eu pretendo, depois que defender, doar a uma instituição de pesquisa aqui de Mesquita. Pra quê? Não é para mim. É para ficar pra história, pra quem quiser continuar de novo pesquisando...

(MILTON) – Um dia desses, eu tava, que eu participo da minha Igreja São José Operário, né, eu tava conversando com um cara, eu disse: “ô, cê sabe que eles queriam cortar essas árvores aqui pra arrumar aquela praça lá, de São Luis Nascimento?”. Isso é um crime. Cadê o instituto histórico aqui? Por quê que não diz, não conta a história dessas árvores aí, que são centenárias. Isso é um patrimônio. Pode dilapidar um patrimônio desses? Graças a Deus a Igreja parece que interferiu e não carregaram. Mas, tavam com idéias de cortar as árvores. Tem muita história bonita. Mesquita tem uma história linda. Esse _____ Leal, essa história toda, isso tudo é uma história linda, gente. Então, e essa história não pode se perder assim, não. Gozado, essa prefeitura que tá aí, ela não tem preocupação nenhuma de trazer a história, de resgatar a história para fazer, resgatar. A emancipação, Paixão não é que começou Mesquita, não. A emancipação começa desde lá atrás, desde 58. Ele pegou já o troço... Não pensaram em emancipação só depois dele não. Vem desde 58, 57. O Nelson, O Nesval te dá toda, o Nesval é um cara competente, tá, ele tem toda a história gravada porque ele realmente é um cara que prima por isso, é um historiador. O Nesval

eu considero um historiador porque ele conhece muita coisa de Mesquita. Você procura pelo Nesval.

(FÁTIMA) – Está certo. Eu vou procurar por ele.

(MILTON) – Então, Fátima, é isso aí. Foi um prazer revê-la. Eu sempre me lembro às vezes, assim, do Everson. Mas você nunca mais viu o Everson, né.

(FÁTIMA) – Ele tá lá em Nova Iguaçu.

(MILTON) – Tá lá, né. Ele tá lá na política ainda?

(FÁTIMA) – Tá... Tá no partido.

(MILTON) – Tá no partido? Qual partido? PT?

(FÁTIMA) - PT.

(MILTON) – Mas ele tem cargo?

(FÁTIMA) – Não, não...

(MILTON) – Não tem não, né. Eu me lembro do Everson...

(FÁTIMA) – Eu, seu Regener e o Everson, a gente era tudo da mesma Regional, e lá, só que a gente era perto, a gente andava muito junto. E nós, na época, nós éramos contrários à emancipação. Eu tinha dúvidas. Mas, aquela turma ali de Santo Elias era contrária, mais contrária. E o seu Regener, ele falava assim: “meus filhos, não é isso”. Eu me lembro tanto que ele falava para mim. “Minha filha, só vai adiante com a emancipação de Mesquita”. Só que a gente era mais jovem e tal, aquele, aquilo que o senhor falou: o PT, ele não confiava que, né, que a emancipação fosse urgente. Eu, por exemplo, já, até era contra porque o partido era, uma parte né, o núcleo. Mas, eu

tinha muitas dúvidas. Eu achava que tinha que ter debate, aprofundar, trazer pessoas de outros lugares... A dúvida, hoje, eu sou uma pessoa que sou a favor completamente. Mas, na época não. E o seu Regener andava atrás da gente, né, e falava: "meu irmão, mas vocês têm que ser a favor" e falava, e falava. E era uma coisa que ele era aquela coisa que você falou, assim, idealista, né?

(MILTON) – Ele era. O Regener era, ele era doente com relação a isso. E ele, outra coisa, ele combatia e lutava pela emancipação ferrenhamente.

(FÁTIMA) – É, é...

(MILTON) – Ele ia para tudo quanto era lugar. Ele ia para aqueles negócios, pra Caixa d'água, lugar perigoso... Uma vez o Regener quis até brigar aí com o Nelson, né, com o Nelson. Edson Lopes, por causa da emancipação. O Edson Lopes até sacou a arma, aquela confusão danada... O Regener era terrível, né. Mas, eu acho uma coisa. Eu sou muito amigo do Artur. Eu gosto do Artur. Eu me lembro que eu trabalhava com o Quinho, eu fui assessor do Quinho, né, daí, nós tínhamos um projeto, e o Artur era secretário da Câmara, e muita coisa eu precisava falar com ele, levar aqueles projetos do Quinho, aqueles troços todos, e eu sempre fui muito coisa. Agora, o Artur, ele cometeu um gafe, na véspera da emancipação, acho que ele não acreditou. Ele deu uma entrevista na CBN, ele deu uma entrevista na CBN, e o que eu vi, eu ouvi, realmente que ele, ele achava que Mesquita ia cair na mesma situação de Italba. Mas Italba... É o tal negócio, uma emancipação feita por um Paixão, né... Mas, acontece que não era, por exemplo, o seguinte, não era bem o Paixão. Quem emancipou Mesquita foi o povo, não foi o Paixão. O Paixão foi um móvel ali que aproveitaram. Era um político, que a gente sempre achava que tinha que ter um político no _____. Porque se a gente não encontrasse um político... Tinha uns políticos lá do Rio de Janeiro que não tinha interesse nenhum em Mesquita emancipada. O próprio Mario Marques era muito ligado... Ele tava com a gente. O Mario Marques tava com a gente participou, até fez debate, mas não era, né. Não era um cara interessado. O próprio Corredeira não era interessado, mas estava com a gente. O Nelson cedeu espaço pra a gente, mas eu acho que ele nem fedia e nem cheirava. Então, deu espaço, faça o que quiser, a gente

tinha o espaço dele, mas ele não tinha né, o aval. E o Paixão, que a gente queria que tivesse o aval, eu acho que ele tinha, mas era por trás, ele fazia uns negócios mesmo por trás, ele tinha acesso na câmara, ele sabia uma porção de coisa. Inclusive no dia da emancipação, o negócio da mobilização, a mobilização foi feita em cima do laço...

(FÁTIMA) – O Álvaro ficou de qual plebiscito?

(MILTON) – Desse de 87. Pra ir pra câmara, todo mundo correndo tendo que arranjar ônibus na última hora correndo... Por que? Deixaram pra última hora, num dava pra entender, o negócio tudo sabotado pra gente desarticular, só que o Regener naquela época né, era muito de... Muito ativo tudo isso, na mesma hora nós arranjamos ônibus, esse troco todo né? Foi rapidinho, botamos o pessoal, já tava preparado, associação, já tava preparado pra ir...

(FÁTIMA) – Tá certo...

(MILTON) – Que já tinha sido preparado a muito a muito tempo. O Regener realmente foi um grande batalhador pra emancipação, eu gostaria de ler realmente, o nome dele, ele e do Helio Mendes Amaral, tá, como um elemento importante na emancipação, tá. Mesquita se emancipou porque ele trabalhou... As associações tiveram um trabalho de base muito bem. Tava comentando, porque o povo era um povo desorganizado. As associações que começou a fomentar a idéia da emancipação...

(FÁTIMA) – Tá certo...

(MILTON) – E foi aí que foi... Pois é, Fátima, eu vou ver o negócio das fitas tá. Eu vou ver devagarzinho aí a fita, eu vou encontrar a fita eu vou passar pra você, eu tenho fita que esta com outros programas no meio, mas não tem problema não...

(FÁTIMA) – Tá bom, Muito obrigado seu Milton...

(MILTON) – É isso...